

ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E MAPA MENTAL COMO RECURSOS PARA A FIXAÇÃO DE CONTEÚDOS E SONDAÇÃO DO NÍVEL DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Fernanda Tainá da Silva¹
Cristiane de Quadros²

INTRODUÇÃO

O PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) foi criado pelo Ministério da Educação (MEC), no ano de 2007, com o objetivo de inserir os acadêmicos nas escolas de Educação Básica, favorecendo a parceria entre escola e universidade e fortalecendo a formação inicial por meio da aprendizagem sobre o ambiente escolar, proporcionando ao grupo de PIBIDianos a experimentação de metodologias, conteúdos e práticas docentes que atendam as necessidades de aprendizagem dos alunos da Educação Básica.

A parceria entre a Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Realeza e a Escola Municipal Juscelino Kubitschek – E.I.E.F. possibilita aos estudantes do Curso de Pedagogia-Licenciatura que participam do Programa, vivenciar experiências no ambiente escolar, ao mesmo tempo que fortalece a base da formação teórico-científica, desmistificando o discurso que a prática é bem diferente da teoria e, reforçando a ideia que toda prática precisa de um bom embasamento teórico.

Sobre isso, Dutra (2009, p. 2) aponta:

Teoria é “um conjunto de conhecimentos não idênticos nem totalmente distintos da prática, mas provenientes desta através de uma análise crítica que tem por finalidade, no seu retorno à prática, esclarecê-la e aperfeiçoá-la” [...] e prática é “um saber objetivo e traduzido em ação”. Dessa maneira, tratando das teorias pedagógicas que sustentam a ação docente podemos evidenciar o percurso formativo destas para a transformação da prática. Sendo a teoria a força intencional que possibilita o saber docente consolidar-se no fazer-se docente, materializando os conceitos originados no âmbito de sua formação, direcionando-o a reflexões recorrentes que tem por objetivo ressignificar sua prática docente e assim construir sua práxis.

Compreende-se que o docente/discente em formação necessita sistematizar, articular e aperfeiçoar os saberes por meio da teoria-prática, pois dessa maneira poderá produzir conhecimento para si, para que, possa tornar a educação significativa para seus alunos.

A cada atividade realizada verifica-se a potência da experiência de estar em sala de aula. Por isso, neste recorte vale o destaque de uma das práticas realizadas do decorrer deste ano na escola campo do PIBID - Pedagogia do Campus Realeza/PR. A atividade aplicada no dia 02/10/2023 com a turma do primeiro ano do ensino fundamental que participa do projeto, foi baseada em experiências e fundamentações teóricas obtidas em sala de aula e reuniões do PIBID, no campus da

¹ Acadêmica da 4ª fase do Curso de Pedagogia-Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Realeza. fernanda_taina@outlook.com.

² Professora orientadora: Pós-Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal da Fronteira Sul – Realeza, PR – UFFS, cristiane.quadros@uffs.edu.br.

Universidade. O embasamento teórico sobre a elaboração de mapas mentais em forma de desenho e a teoria da Psicogênese da Língua Escrita serviram como base para as atividades propostas.

1 METODOLOGIA

O levantamento de dados a cerca da aprendizagem dos alunos foi essencial para uma sondagem a respeito das dificuldades encontradas no processo de alfabetização e letramento de cada aluno que frequenta o projeto. Esses dados oferecem a possibilidade de melhor planejar as atividades de acordo com as necessidades dos alunos, assim como. Neste sentido, o recorte aqui apresentado caracteriza-se por um estudo qualitativo a partir da prática desenvolvida no PIBID, assim como de estudo teórico -bibliográfico para aprofundamento e embasamento da prática realizada em campo.

Foram realizadas atividades de contação de história e a construção de um mapa mental em forma de desenho, no qual foi feito o registro escrito ao lado de cada imagem representada pelo aluno, com o objetivo de levantar dados quanto a aprendizagem e o nível de alfabetização dos mesmos.

2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E MAPA MENTAL COMO RECURSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

As atividades do Programa são realizadas em uma sala de aula que a escola reserva para aulas de reforço escolar. O primeiro ano do ensino fundamental foi a turma escolhida para a aplicação da atividade. Esses alunos apresentam dificuldades como interpretação de textos e escrita. Para investigar e entender os processos de aprendizagem e trabalhar as dificuldades, foi realizada uma contação de história e a construção de um mapa mental em forma de desenho.

De acordo com Anastasiou e Alves (2003) o mapa mental consiste na construção de um diagrama que indica a relação de conceitos, procurando mostrar as relações hierárquicas entre os conceitos e a estrutura do conteúdo.

Para tanto, foram utilizadas a contação de história e a elaboração de mapa mental como estratégias para o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. As autoras afirmam que a utilização de estratégias de ensino como um conjunto de ações planejadas, com a intenção de alcançar um objetivo específico é de fundamental importância para o processo de ensino-aprendizagem.

A história contada se chama “Em Busca de um Lar” sendo uma história de autoria própria, em um livro gigante feito de E.V.A. tendo figuras para representar os acontecimentos, além da parte escrita. O objetivo é descobrir e identificar os locais onde a história se passa e também os animais que são personagens na história, bem como interpretar o contexto dos acontecimentos.

Após a primeira etapa de contação da história foram realizadas perguntas para verificação do entendimento e interpretação dos alunos, foi constatado que no momento de recontar a história, eles não lembravam com clareza a sequência da mesma, apenas algumas partes específicas ficaram gravadas na memória, como a personagem principal. Para reforçar a memória da história foi proposto que a turma elaborasse um mapa mental em forma de desenho.

Foi realizado o mapa com certa facilidade, pois primeiro os alunos desenharam o que lembravam e estiveram livres durante toda a construção para usar a criatividade, quando eles acreditavam ter terminado, era sugerido que tentasse lembrar de mais

detalhes sobre a história, ou que procurassem o que faltava no desenho. Aos poucos eles lembraram de detalhes, ou perceberam que faltava um elemento como o chão e algumas partes que ainda não haviam sido coloridas.

Para identificar em que nível de alfabetização os alunos estavam e associar a dificuldade da interpretação de texto com a escrita, foi proposto que cada um escrevesse ao lado de cada imagem o que havia desenhado, por exemplo: se o desenho representasse a casa da personagem principal, que se chama Dalila, eles deveriam escrever ao lado do desenho “*casa da Dalila*” da forma que acreditavam estar correta, sem interferência externa para sugerir letras. Essa proposta segundo Campelo se chama “Produção Espontânea”.

“Para que, de fato, o professor tenha “em mãos” o resultado do desenvolvimento psicogenético do aluno, com relação à língua escrita, ele deve atentar para que a produção escrita do aluno seja uma Produção Espontânea, sob pena de ser invalidado todo o seu trabalho”. (CAMPELO, 2015, p. 197 *apud* NASCIMENTO, L.R.S, “*et.al*”, 2020, p. 10)

Dessa forma foi avaliado o nível de escrita real dos alunos e fixado o conteúdo de forma lúdica, mas sem deixar que fosse uma simples atividade e mantendo como teoria embasadora para a avaliação da escrita a Psicogênese da Língua Escrita, desenvolvida primeiramente por Emília Ferreiro e Ana Teberosky.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao aplicar a contação de histórias e a construção de um mapa mental em forma de desenho foi possível realizar uma sondagem da aprendizagem e confirmar a dificuldade dos alunos em interpretação de texto, bem como o fato de não lembrarem a sequência apresentada na história, e também identificar o nível de alfabetização em que cada estudante se encontra.

Contar uma história que envolve muitas curiosidades despertou nos alunos vários interesses. Eles passaram a perceber e levantar hipóteses sobre questões que ainda não haviam pensado, por exemplo: como é possível dormir em uma oca, como as pessoas tomam banho na Antártida, como um período sem chuva pode afetar as plantas, como a vida das princesas nem sempre é um conto de fadas. Através desse momento de reflexão uma nova percepção do espaço e dos acontecimentos surgiu, porém não parecia ter sido bem fixado na memória dos alunos e o mapa mental teve essa função.

Os desenhos começaram simples, a princípio eles não tinham certeza sobre o que desenhar ou como ocupar o espaço da folha, mas aos poucos e com algumas perguntas sobre o que lembravam e sugestões para ocupar um espaço da folha em branco, a criatividade tomou conta do processo e boa parte da história foi desenhada. Também foi sugerido que eles procurassem elementos que estivessem faltando, como o chão e partes do corpo dos personagens. Ao final, quando cada um já estava satisfeito com seus desenhos, foi direcionada a segunda parte da atividade, ou seja, escrever o que estavam desenhado.

O primeiro aluno a terminar o desenho e migrar para a nova etapa, inicialmente não se mostrou motivado a escrever, preferiu ir falando o que havia desenhado para que fosse registrado por nós PIBIDlanos. Como durante a escrita de cada palavra ele era questionado sobre qual letra começava a palavra, ou como cada palavra era escrita, em determinado momento ele se sentiu confiante para escrever por conta própria o que havia desenhado e apesar de algumas inseguranças e constantemente

pedir ajuda para escrever, conseguiu concluir a atividade sem nenhuma interferência na sua escrita. Os demais alunos escreveram sozinhos e ao final da atividade tiveram seus desenhos colados no armário da sala, onde foi adaptado um pequeno painel.

Essa segunda atividade permitiu uma sondagem no nível de escrita no qual cada aluno se encontra, utilizando os níveis descritos por Emília Ferreiro (1986) em seu estudo sobre a psicogênese da língua escrita, foram identificados os níveis pré silábicos sem valor sonoro e silábico sem valor sonoro, a partir disso pode se iniciar atividades mais objetivas para os alunos, a fim de que influenciem na escrita e consequentemente na alfabetização e letramento.

CONCLUSÃO

O Programa possibilita diversas experiências, que se desdobram em atividades realizadas na escola campo e atividades formativas realizadas na Universidade. O embasamento teórico é fundamental para a realização dessas experiências de forma satisfatória. Por isso, a organização das atividades a serem trabalhadas, assim como o estudo para a realização das mesmas ocorre de forma multidisciplinar, tanto em sala de aula nos diferentes Componentes Curriculares (CCRs), quanto nas atividades formativas vinculadas ao PIBID e ao Seminário de Ensino Pesquisa, Extensão e Cultura – SEPEC (CCR organizado para promover o processo de curricularização da extensão). A ação – reflexão – ação que acontece em função desse desdobramento formativo fomenta a necessidade de compreender cada vez mais a importância de assumir o protagonismo do processo de formação.

O ato de contar uma história e em seguida propor para os alunos um desenho que deveria conter as partes que lembravam em mapa mental, foi um novo conceito, cheio de descobertas para todos, uma forma de fixação que surtiu efeito satisfatório.

Escrever o que havia sido desenhado também serviu para o registro do que estava ilustrado, sendo um instrumento para demonstrar o nível de alfabetização de cada criança. Essa atividade fez com que os alunos entrassem em conflito com a escrita de cada palavra, tentando analisar quais as letras formavam o som para escrevê-la, apesar de sentirem um pouco de insegurança, todos conseguiram concluir a atividade satisfeitos com os resultados. Para tanto, a partir da atividade realizada foi possível analisar a produção dos alunos e também preparar as aulas e atividades que devem ser desenvolvidas a fim de melhor compreender o processo de alfabetização e letramento dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. da G. C.; ALVES, L. P. **Estratégias de Ensino**. Curitiba: IBPEX, 1998.

DUTRA, E. F. Relação entre Teoria e Prática em Configurações Curriculares de Cursos de Licenciatura. In: **Anais do VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, Florianópolis/SC, 2009, p. 1-12.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986

NASCIMENTO, L.R.S. "et.al" 2020 **Psicogênese da Língua Escrita de Emília Ferreiro e Ana Teberosky**: Contribuições e Desafios. Faculdade Unida de Campinas – facUNICAMPS, p. 1-18, 2020.